Coleção Aventuras Grandiosas

Charles Dickens

CONTO DE NATAL

Adaptação de Isabel Vieira

1ª edição

EDITORA RIDEEL

professor.com.partilhando📖

Capítulo 1

SCROOGE, O AVARENTO

Para começar, quero garantir que Marley estava morto. Sobre isso não havia a menor dúvida. A **CERTIDÃO DE ÓBITO** fora assinada pelo padre, pelo escrivão, pelo agente funerário e pelo próprio Scrooge, seu único sócio, **TESTAMENTEIRO**, herdeiro e amigo. Marley não tinha parentes. Mas o fato de ser a única pessoa importante para o defunto não impedira Scrooge de realizar um excelente negócio na Bolsa de Valores no dia do enterro dele.

Insisto em repetir que Marley estava morto, pois disso depende a compreensão da história. Se a platéia não estivesse convencida de que o pai de **HAMLET** morre antes de começar a peça, ninguém estranharia seus passeios noturnos para assustar o filho nos muros do castelo, em noites de tempestade.

Scrooge nunca tirou o nome do sócio da fachada da empresa. Scrooge & Marley era uma firma conhecida. Havia quem não distinguisse um sócio do outro. Às vezes, chamavam Scrooge de Marley. Ele não se importava com isso e atendia por ambos os nomes.

O velho Scrooge era duro e avarento. **INFLEXÍVEL** nos negócios, arrancava o que podia dos clientes. Vivia **RETRAÍDO** e solitário como uma ostra. O frio que lhe ia na alma era visível até em suas feições: nariz grande, faces enrugadas, olhos avermelhados e voz áspera. Sua cabeça parecia envolvida num orvalho gelado. Por onde ele passava, deixava um rastro de frieza que refrigerava seu escritório no verão e não se abrandava nem com as alegrias do Natal.

Não havia notícia de que alguém um dia houvesse parado na rua para dizer carinhosamente: "Caro Scrooge, como vai? Apareça lá em casa!" Nunca um mendigo lhe pediu esmola, uma criança perguntou-lhe as horas ou alguém pediu-lhe informações. Até os cães que guiavam os ceguinhos, quando o viam, puxavam seus donos para o vão de uma porta, deixando-lhe o caminho livre, como se pensassem: "Antes ser cego que ter o olhar terrível desse homem".

Na véspera do Natal, Scrooge estava no escritório fazendo contas. Eram três horas da tarde, mas na rua o frio e a neblina eram tão intensos que parecia noite. Os **CANDEEIROS** acesos nos escritórios vizinhos lançavam clarões na atmosfera negra. O denso nevoeiro penetrava no interior das casas, chegando a tapar os buracos das fechaduras, e dava aos prédios o aspecto de fantasmas.

- **CERTIDÃO DE ÓBITO**: certidão que atesta a morte da pessoa
- **TESTAMENTEIRO**: aquele que cumpre ou faz cumprir um testamento
- **HAMLET**: personagem e título de uma famosa tragédia de William Shakespeare
- **INFLEXÍVEL**: implacável, que não se deixa dobrar
- **RETRAÍDO**: fechado, pouco sociável
- **CANDEEIROS**: lamparinas

Scrooge deixara aberta a porta da sala para poder vigiar seu empregado, que trabalhava num cubículo frio e úmido. Junto de Scrooge ardia um escasso fogo, mas o do ajudante era ainda menor. Ele não ousava buscar mais carvão porque este era guardado junto de Scrooge. Se o fizesse, o patrão ameaçaria despedir um funcionário tão esbanjador. Enrolado no cachecol, o infeliz tiritava de frio, batendo os dentes.

De repente, ouviu-se uma voz alegre no ambiente:

— Boas-festas, tio, e que Deus o guarde!

A presença do sobrinho, entrando precipitadamente, com as faces coradas e o olhar cintilando de alegria, irritou o velho, que resmungou:

— **TOLICE**! Pura tolice!

— O Natal é uma tolice, tio? — replicou o rapaz. — É o que está dizendo?

— Tolice, claro! Por que essa alegria? Você não é pobre?

— Sou, sim — disse o sobrinho, zombeteiro. — Então, como o senhor, que é tão rico, explica sua tristeza?

— Ora, deixe-me em paz! — irritou-se Scrooge. — Por que eu haveria de estar alegre? Natal é a época de fazer o balanço da firma e descobrir que só tivemos prejuízo. Ficamos um ano mais velhos e nem um tostão mais ricos. Isso é motivo para comemorar e dar presentes? Feliz Natal! — debochou o tio. — Tenho vontade de assar junto com o bolo de Natal todo maluco que desejar isso! E ainda espetá-lo num galho do pinheiro!

— Quer horror, tio! — escandalizou-se o sobrinho.

— Por que não festeja o Natal a seu modo e esquece que eu existo?

— Porque o Natal é tempo de caridade e perdão — respondeu o sobrinho. — É a época do ano em que homens e mulheres abrem seus corações e tratam todas as criaturas como iguais, tenham ou não dinheiro. Somos companheiros da mesma jornada. É por isso, tio, que eu repito: Deus abençoe o Natal!

O empregado aplaudia intimamente as palavras do rapaz. Estava prestes a dizer o que pensava, quando Scrooge percebeu e esbravejou:

— Se ousar falar uma palavra, seu presente de Natal será a demissão!

— Não se aborreça, meu tio. Bem, já vou indo. Só vim para convidá-lo a jantar conosco amanhã...

Scrooge respondeu com um palavrão. Depois fez-lhe uma pergunta:

— Por que você se casou?

— Porque me apaixonei...

— Porque se apaixonou... — resmungou o velho, como se essa fosse a única coisa mais ridícula que o Natal. — Passe bem e boa-tarde!

— Mas antes de eu casar o senhor também não ia à minha casa...

— Boa-tarde! — rosnou Scrooge.

— Feliz Natal e ótimo Ano-Novo, tio. Só queria que fôssemos amigos.

— Boa-tarde! — concluiu Scrooge.

Apesar da frieza da recepção, o rapaz foi embora sem perder o bom humor e ainda desejou boas-festas ao empregado, que agradeceu e retribuiu.

TOLICE: bobagem, besteira

— Aqui temos outro doido... — murmurou Scrooge. — Mal ganha para o sustento da família e vem falar em festas e em Natal alegre.

O empregado, que tinha acompanhado o sobrinho do patrão até a porta, voltou com dois homens distintos e bem-trajados. Eles tiraram os chapéus e cumprimentaram Scrooge, consultando uma lista.

— Scrooge & Marley — confirmou um deles. — Com quem tenho a honra de falar? Com o sr. Scrooge ou com o sr. Marley?

— Marley morreu. Esta noite faz precisamente sete anos que está morto.

— O sócio sobrevivente decerto terá a mesma generosidade do falecido — disse o homem, exibindo a credencial que o autorizava a recolher donativos.

Ao ouvir a **ABOMINÁVEL** palavra generosidade, Scrooge franziu a testa e afastou os papéis. O homem estendeu-lhe uma caneta e explicou:

— Nesta época do ano, sr. Scrooge, é dever de todos nós ajudarmos a diminuir o sofrimento dos pobres. Há milhares deles com frio e fome nas ruas.

— Não existem asilos? — perguntou Scrooge, afastando a caneta.

— Infelizmente, estão cheios.

— E a casa de correção? E a lei de repressão à **MENDICÂNCIA**?

— Continuam existindo, senhor, e não faltam condenados. Quanto devo escrever nesta lista, em nome do sr. Scrooge?

— Nada!

— Ah, compreendi. Deseja fazer uma doação anônima...

— Desejo que me deixem em paz — disse Scrooge. — Não gosto do Natal e não vou contribuir para sustentar preguiçosos. Pago impostos para manter as instituições a que me referi. Quem não tiver o que comer que se recolha a elas.

— Não há lugar para todos, e muitos prefeririam morrer a recorrer a um lugar desses, senhor.

— Pois que morram, então. Farão um benefício à humanidade, ajudando a acabar com o excesso de população. Agora, com licença e boa-tarde!

Os homens se retiraram e Scrooge esfregou as mãos, satisfeito da vida.

- **ABOMINÁVEL**: detestável, horrível
- **MENDICÂNCIA**: prática dos mendigos; ato de pedir esmolas

Capítulo 2

O FANTASMA DE MARLEY

O nevoeiro tornara-se tão espesso que, lá fora, o povo auxiliava os cocheiros, iluminando a rua com **ARCHOTES** para os cavalos não se perderem. A torre da igreja tornou-se invisível. O relógio batia as horas e os quartos de hora com vibrações trêmulas, como se o mecanismo estivesse congelado. Em uma esquina, operários aqueciam-se numa fogueira. Das vitrinas das lojas sobressaíam clarões sobre apetitosos bolos e aves. Em seu esplêndido palácio, o prefeito ordenara a cinqüenta cozinheiros que preparassem a ceia, e até o pobre alfaiate, a quem ele multara dias antes por embriagar-se na rua, assava um jantar especial em seu casebre, junto da mulher e do filhinho.

Um rapaz magro, roído pelo frio como um osso por um cão, aproximou-se da porta de Scrooge entoando um cântico de Natal. O velho espantou-o com tal energia que o cantor fugiu espavorido. Chegou enfim a hora de fechar o escritório. Com visível má vontade, Scrooge levantou-se e o empregado o imitou, apressando-se a apagar o candeeiro e colocar o chapéu.

— Amanhã você espera ter folga, não é? — disse Scrooge.

— Se não houver inconveniente, senhor...

— E se eu lhe descontasse o dia? Decerto se julgaria lesado.

O empregado sorriu humildemente. O Natal era só uma vez por ano...

— Fraca desculpa para enfiar a mão no meu bolso! Certo, vou lhe pagar por um dia de vadiação. Depois de amanhã apresente-se aqui bem cedo.

O empregado saiu e Scrooge ficou rosnando. Sem posses para comprar um **SOBRETUDO**, o homem abrigava-se como podia no cachecol e, antes de ir para casa, que era bem longe, parou para patinar no gelo com um bando de amigos, todos alegres por causa do Natal.

Scrooge engoliu um melancólico jantar na **ESTALAGEM** de costume, leu os jornais e foi para casa. Era a mesma onde vivera Marley. Ficava num edifício baixo, num beco escuro e deserto de Londres. Mesmo conhecendo o pátio, Scrooge caminhava **ÀS APALPADELAS**. A porta negra e velha tinha um aspecto **SINISTRO**, como se o Gênio do Tempo estivesse sentado sobre ela, meditando.

Devo acentuar que na maçaneta da porta nada havia de extraordinário, a não ser o tamanho, bastante grande. Scrooge a vira muitas vezes, pois sempre vi-

- **ARCHOTES**: fachos usados para iluminar festas e procissões
- **SOBRETUDO**: casaco
- **ESTALAGEM**: hospedaria
- **ÀS APALPADELAS**: tateando, às cegas
- **SINISTRO**: medonho, assustador

veu ali. Quero lembrar também que Scrooge, exceto a referência que fizera horas antes à morte de Marley, havia sete anos não pensava no sócio defunto. Expliquem-me então, se possível, por que Scrooge, ao meter a chave na fechadura, viu na maçaneta não uma maçaneta, mas o rosto de Marley?

O rosto de Marley! Mergulhado em trevas profundas, ele fixava o sócio serenamente, sem raiva ou rancor, como costumava fazer em vida. Trazia os óculos na testa e os olhos abertos e parados. Os cabelos estavam arrepiados, como se soprasse um vento quente. A palidez do rosto tornava-o horrível.

Perturbado, Scrooge desviou o olhar. Quando fixou de novo a maçaneta, viu apenas a maçaneta. Sofreu uma comoção estranha, como nunca sentira desde a infância. Entrou e acendeu a luz. Hesitou antes de fechar a porta, com medo de que Marley estivesse dentro de casa. Mas tudo o que viu foram os parafusos que seguravam a porta. Bateu-a com estrondo e subiu a escada, que ecoou com seus passos, fracamente iluminada pela luz da rua. A escuridão era barata, por isso agradava Scrooge.

No andar de cima, tudo estava em ordem. Ninguém debaixo do sofá, da mesa ou da cama. Ninguém dentro do roupão de uso caseiro que pendia de um cabide. Ninguém no quarto de despejo. Scrooge deu duas voltas à chave do quarto, o que não era costume, tirou a gravata, vestiu o roupão, pôs os chinelos e o capuz de dormir e se sentou diante da lareira para tomar seu mingau.

A lareira antiga era revestida com azulejos representando cenas da Sagrada Escritura: Caim e Abel, as filhas dos faraós, a rainha de Sabá, anjos sobre nuvens, Abrahão e Baltazar. As imagens desapareceram por encanto e Scrooge começou a ver em cada azulejo uma cabeça de Marley.

— Tolices! — disse, pondo-se a andar pelo quarto.

Tornou a sentar-se e reclinou a cabeça no espaldar da cadeira. Seus olhos pousaram numa sineta sem uso. Com espanto e pavor, Scrooge sentiu que saía dela um som imperceptível, que foi crescendo até se converter num furioso badalar. Durou meio minuto, mas pareceu-lhe uma hora. Então ouviu outro ruído, vindo do andar de baixo, como se alguém arrastasse correntes por cima dos **TONÉIS** da adega. As correntes subiam a escada em direção ao quarto.

— Tolices! — repetiu Scrooge. — Não acredito em fantasmas.

A cor fugiu-lhe quando o fantasma atravessou a porta. Era o espectro de Marley, vestido como andava em vida. Seu corpo, porém, era tão transparente que, olhando-o através do casaco, Scrooge podia ver os botões pregados atrás. A corrente presa à sua cintura arrastava-se como uma cauda e era formada por cofres-fortes, chaves, cadeados, livros-caixas e letras de câmbio.

— Fale! — disse Scrooge, **CAUSTICAMENTE**. — O que pretende de mim?

— Os homens têm obrigação de viajar pelo mundo, visitar seus irmãos... Os que não o fizeram em vida são condenados a fazê-lo depois da morte. O destino

TONÉIS: barris de bebida

CAUSTICAMENTE: em tom áspero

dos espíritos como eu, que viveram só para si, é ver aquilo de que não partilharam. Oh, que horrível desgraça! — gemeu o espectro.

— Por que está acorrentado? — perguntou Scrooge com voz trêmula.

— Arrasto a corrente que construí em vida. Não a reconhece?

Scrooge tremia cada vez mais.

— Minha corrente tem o peso e o comprimento da que você mesmo usa. Ou usava há sete anos, quando morri. De lá para cá, não fez outra coisa senão aumentá-la. A sua agora deve estar bem mais pesada que a minha!

Scrooge olhou para si, à procura de correntes, mas não viu nada.

— Jacob — implorou. — Meu velho Jacob Marley, dê-me uma esperança!

— Não posso, Ebenezer Scrooge — replicou o fantasma. — A consolação e a esperança vêm de outras regiões e são trazidas por outros mensageiros. Eu não posso sequer repousar. Em vida, meu espírito nunca transpôs os muros do nosso escritório. Agora meu **FADO** é uma **PEREGRINAÇÃO** constante e dolorosa.

— Viaja depressa? — perguntou Scrooge.

— Sem descanso. Oh, tortura do remorso! — o fantasma soltou um grito medonho e agitou as cadeias. — Cativo, acorrentado! Isso por ignorar que toda alma cristã tem o dever de espalhar o bem em torno de si.

— Mas você foi um bom homem de negócios, Jacob — disse Scrooge, que começava a entender o sentido das palavras e aplicá-las a si mesmo.

— Negócios! — o espectro contorceu as mãos transparentes. — Esqueci todas as coisas importantes para servir ao meu negócio: o bem-estar alheio, a caridade, a compaixão, a **BENEVOLÊNCIA**... Nesta época do ano ainda é maior o meu sofrimento. Por que passei pela multidão sempre de olhos baixos?

Scrooge quase já não o ouvia, apenas tremia.

— Vim aqui hoje para lhe anunciar que ainda há possibilidade de você escapar do mesmo destino — continuou o fantasma de Marley.

— Obrigado, Jacob. Sei que sempre foi meu amigo.

— Você será visitado por três espíritos. O primeiro virá amanhã, quando o relógio soar uma hora.

— Não poderiam vir todos ao mesmo tempo, para que a visita acabe mais depressa? — questionou Scrooge.

— Espere o segundo na noite seguinte, à mesma hora. O terceiro virá na outra noite, ao bater a última badalada da meia-noite. Adeus, Scrooge!

As janelas se abriram e o fantasma de Marley desapareceu na escuridão da noite, deixando uma música fúnebre flutuando no ar.

- **FADO**: sina, destino
- **PEREGRINAÇÃO**: viagem longa, sem fim
- **BENEVOLÊNCIA**: estima, afeto, complacência

Capítulo 3

O ESPÍRITO DO NATAL PASSADO

Quando Scrooge acordou, a escuridão não lhe permitia ver a janela. O sino da igreja bateu três quartos de hora. Ele esperou um pouco e ouviu o sino bater uma, duas, três badaladas, até completar doze.

— Doze? Passava das duas quando deitei. Não é possível que eu tenha dormido o resto da noite e o dia todo até esta hora. Só pode ser meio-dia. Será que aconteceu alguma coisa ao sol?

Scrooge limpou o vidro com a manga do roupão e constatou que lá fora era noite cerrada e que o frio continuava intenso. Voltou para a cama, mas não conseguiu dormir. O espectro de Marley o atormentava. Pensava: "Foi sonho ou não?" O tempo foi passando e o relógio da igreja voltou a bater:

— "Dim, dom!"

— Um quarto para a uma — disse Scrooge.

— "Dim, dom!"

— É a hora — exclamou **TRIUNFALMENTE** —, e nada!

Então o quarto iluminou-se e as cortinas do leito foram puxadas — eu lhe garanto, leitor, por uma mão invisível. Scrooge, meio erguido, encontrou-se face a face com o visitante sobrenatural. Estranha figura! Fazia lembrar uma criança, mas parecia um velho. O cabelo branco caía-lhe pelas costas, mas as faces não tinham rugas e a pele resplandecia com o frescor da mocidade. Seus braços eram fortes. Vestia uma **ALVÍSSIMA** túnica, apertada na cintura por um cinto luminoso. Trazia nas mãos um ramo de **AZEVINHO**, símbolo do inverno, mas a túnica era adornada com flores de verão. O mais estranho é que do alto de sua cabeça brotava um facho de luz brilhante, que ele poderia apagar, caso quisesse, com um chapéu em forma de capacete, que levava debaixo do braço.

— Você é o espírito cuja visita me foi anunciada? — perguntou Scrooge.

— Sou! — respondeu, com voz meiga e agradável.

— Mas quem é você e de onde vem? — inquiriu Scrooge.

— Sou o espírito do Natal passado — explicou a aparição. E, estendendo a mão **HERCÚLEA** e segurando-o brandamente pelo braço, acrescentou:

— Erga-se e acompanhe-me!

Em vão Scrooge **ALEGOU** que não era hora de sair, a cama estava quente e

- **TRIUNFALMENTE**: vitoriosamente, em tom de quem se vangloria
- **ALVÍSSIMA**: muito clara, branquíssima
- **AZEVINHO**: arbusto originário da Europa, de folhas onduladas e espinhosas
- **HERCÚLEA**: possante, robusta
- **ALEGOU**: retrucou, apresentou como pretexto

o termômetro lá fora marcava muitos graus abaixo de zero, e que além disso ele estava com gripe. Com firmeza, o espírito o conduziu em direção à janela.

— Sou um simples mortal e sujeito a cair! — implorou Scrooge.

— Basta que minha mão o toque aqui — e o espírito tocou no coração de Scrooge — para que você nada tenha a recear.

Mal a aparição pronunciou essas palavras, os dois passaram através da parede e acharam-se numa estrada rural, ladeada por campos. Não se percebia vestígio algum da cidade. O nevoeiro tinha desaparecido e dado lugar a um dia de inverno, luminoso e frio, vendo-se a terra coberta de neve.

— Meu Deus! — disse Scrooge, torcendo as mãos. — É o lugar onde me criei. Foi aqui que passei a infância!

O espírito contemplou-o com ternura. O ambiente continha mil aromas, que traziam à memória de Scrooge esperanças, alegrias e cuidados esquecidos havia muitos anos.

— Seus lábios estão tremendo — reparou o espírito. — O que é isso? O que você tem no rosto?

Scrooge, querendo dissimular as lágrimas, respondeu que era uma verruga e disse ao espírito para levá-lo aonde quisesse.

— Lembra-se do caminho? — perguntou o espírito.

— Se me lembro! Seria capaz de percorrê-lo de olhos vendados.

Os dois prosseguiram pela estrada, onde Scrooge ia reconhecendo cada árvore, cada porta. Avistaram uma cidadezinha, com sua ponte, o **CAMPANÁRIO** e o rio, serpenteando entre prados. Na direção deles vinham rapazes montados em lindos cavalos, acenando alegremente para os camponeses ao redor.

— São apenas sombras de coisas passadas — disse o espírito. — Nós as vemos, mas elas não podem nos ver.

À medida que se aproximavam, Scrooge ia dizendo seus nomes. Por que sentia tão grande alegria ao vê-los? Por que lhe causava tanto prazer ouvi-los gritar uns aos outros "Feliz Natal", quando chegavam às suas casas?

— A escola não está deserta — disse o fantasma. — Vejo lá uma criança solitária, esquecida pelos amigos.

Deixaram a estrada e tomaram o caminho que levava a uma construção de tijolos vermelhos, com um galo no telhado para indicar a direção do vento. Era um lugar pobre, as paredes úmidas e cobertas de musgo, as portas caídas e despedaçadas. Os dois entraram numa sala de aula decadente e melancólica, com carteiras e bancos de pinho. Sentado numa delas, lendo um livro, havia um rapaz. Reconhecendo-se nele, Scrooge apoiou-se a uma carteira e chorou.

O espírito tocou-lhe o braço e apontou a criança atenta à leitura que ele fora havia muitos anos. Nisso parou à janela um homem usando um traje esquisito, com um machado na cintura e conduzindo um burro.

CAMPANÁRIO: torre de uma aldeia

— É Ali Babá! — exclamou Scrooge, extasiado. — É o meu querido Ali Babá! Conheço-o bem! Há muitos anos, num dia de Natal, quando aquela criança esquecida estava aqui sozinha, ele apareceu pela primeira vez!

E pôs-se a falar com entusiasmo das histórias que lia na infância, com uma excitação que teria surpreendido seus colegas da Bolsa de Valores.

— Lá está o papagaio! O corpo verde, a cauda amarela e o penacho! É o mesmo que disse "Pobre Robinson Crusoé", quando o marujo regressou de sua viagem à volta da ilha. Robinson julgou sonhar quando o ouviu. Veja, e lá vai **SEXTA-FEIRA,** correndo para o rio! Coragem, amigo!

Depois, numa rápida transição, Scrooge disse, com ar de piedade pela sua primitiva condição: "Pobre rapaz era eu", e tornou a chorar.

— Eu queria... — balbuciou Scrooge, metendo a mão no bolso ao mesmo tempo em que enxugava as lágrimas. — Mas é tarde demais...

— Tarde demais para quê? — perguntou o espírito.

— Ontem à noite um pobre rapaz cantou uma canção de Natal à minha porta. Tenho pena de não lhe ter dado uma moeda... É só isso...

O espírito sorriu pensativamente e disse:

— Vamos ver outro Natal!

A essas palavras, a criança cresceu, e o ambiente mudou. O jovem estava agora no quarto de um internato, olhando com angústia a porta por onde todos os colegas, menos ele, haviam saído para as férias. Não tardou a entrar por ela uma garota baixinha, um pouco mais nova, que o abraçou com meiguice:

— Vim levá-lo para casa, querido irmão!

— Para a nossa casa?

— Sim! — disse a menina, radiante. — Papai mudou muito. Tanto que me animei a pedir-lhe que deixasse você voltar para casa. Para sempre! Vamos ter o melhor Natal de todos, agora que estamos juntos. Você cresceu, irmão!

— E você está uma moça, quase uma mulher!

Uma voz terrível gritou no vestíbulo:

— Tragam a mala do sr. Scrooge!

O olhar feroz do mestre-escola fez Scrooge gelar. Os irmãos recusaram o bolo duro e o vinho ordinário que ele ofereceu e embarcaram no veículo, que partiu em rápida carreira pelos campos, cobertos de neve.

— Essa pequena criatura tinha um grande coração — disse o espírito.

— Tinha, tinha! É verdade! — concordou Scrooge, emocionado.

— Creio que morreu já adulta e deixou filhos.

— Sim, deixou um — disse Scrooge.

— Seu sobrinho... — lembrou o espírito.

Incomodado pelo espinho do remorso, Scrooge apenas respondeu:

— É.

SEXTA-FEIRA: nome do nativo amigo de *Robinson Crusoé*, do livro de Daniel Defoe

Capítulo 4

LEMBRANÇAS DA JUVENTUDE

No instante seguinte Scrooge e o espírito já estavam em outro cenário. Desta vez, uma grande cidade, com pedestres disputando as ruas apressados, como se estivessem num campo de batalha. A ornamentação das lojas, cheias de luzes, mostrava que também era Natal.

O espírito parou à porta de uma casa de comércio e perguntou se Scrooge a conhecia.

— Claro! Foi aqui que comecei o meu aprendizado.

Entraram. Sentado numa cadeira altíssima, havia um senhor distinto.

— Oh, o velho e abençoado Fezziwig! — exclamou Scrooge, contente.

O chefe pousou a **PENA** sobre a mesa e olhou o relógio. Eram quase sete horas da noite. Esfregou as mãos, feliz da vida, e chamou com voz alegre:

— Ebenezer! Dick! Venham cá, rapazes! Hoje não se trabalha mais, vocês estão de folga. É noite de Natal! Vamos fazer uma festa!

Scrooge, então jovem, apareceu seguido pelo companheiro.

— É Dick Wilkins! — disse ao espectro, entusiasmado. — Éramos muito amigos, ele e eu...

Os dois jovens não esperaram o patrão repetir a ordem. Fecharam a loja e puseram-se a arrumar o recinto para a festa, transformando o armazém no mais belo salão de baile. O chão foi varrido, os candeeiros arranjados, o fogão, aceso. Não tardaram a aparecer os convidados. Primeiro chegou um músico, depois a bondosa esposa de Fezziwig, suas três lindas filhas, os empregados da loja e suas famílias, mesmo os mais humildes, e até o caixa da loja vizinha, que todos sabiam que passava fome.

Houve danças, jogos, bolos, licores, cerveja, fartura de pastéis e carne assada. Envergonhados no início, os empregados foram perdendo a timidez. Os pares dançavam, animados. O ponto alto da noite foi quando Fezziwig puxou a esposa para o salão e rodopiaram até cansar. Ao final do baile, o casal permaneceu na porta, cumprimentando e desejando Boas-Festas aos convivas.

Enquanto o baile transcorria, Scrooge chegou a esquecer a presença do espírito. Sentia-se transportado à juventude, lembrando-se de cada detalhe. Só quando as faces **AFOGUEADAS** de Dick e do Scrooge de outros tempos sumiram, ele pôde ouvir as palavras que o espectro lhe dirigia:

— Custa pouco, afinal, alegrar essa gente, não é?

— Bem pouco, é verdade — concordou Scrooge.

PENA: antiga caneta, feita com a pena de algumas aves ou em metal

AFOGUEADAS: muito coradas, quentes

— Ouça como os dois aprendizes elogiam a generosidade do patrão.

Scrooge reparou no que diziam e se entusiasmou.

— Sim, espírito, com umas poucas **LIBRAS** se pode fazer a felicidade de alguém! O dinheiro pode tornar nossa existência leve ou pesada, um prazer ou uma tortura. E palavras e gestos agradáveis, que não custam nada, significam, para quem os recebe, uma alegria que fortuna nenhuma poderá comprar!

— Alguma coisa o preocupa... — percebeu o espírito.

— Nada... nada! — disse Scrooge. — Gostaria de dizer umas palavras ao meu empregado... é só isso.

— O meu tempo se aproxima do fim — disse o espírito, como se falasse consigo mesmo. — Vamos depressa!

Imediatamente outro Scrooge tornou a aparecer, dessa vez, homem feito. Sua fisionomia ainda não era tão severa como a dos últimos tempos, mas já mostrava claros sinais de avareza. Ele não estava só. A seu lado via-se uma moça vestida de luto, com o rosto coberto de lágrimas.

— Outro ídolo me substituiu no seu coração — ela dizia.

— Que ídolo é esse? — perguntou ele.

— O dinheiro.

— Ora, não há nada mais terrível que a pobreza! Por que todo o mundo julga condenável a vontade de acumular dinheiro?

— Você mudou, não é mais o mesmo. Só pensa no lucro, perdeu suas mais nobres aspirações...

— Mas não mudei a seu respeito. Continuo gostando de você.

— Mudou a forma de pensar, a consciência. Quando nos conhecemos, éramos pobres, mas felizes. Tínhamos esperança de melhorar pelo trabalho em comum. Nosso **VÍNCULO** se afrouxou. Você me trata com frieza e indiferença.

Scrooge a ouvia com visível impaciência. Ela continuou.

— Se fosse **CORTEJAR** alguém hoje, escolheria uma moça pobre? Tenho certeza de que não. Por isso eu lhe restituo a liberdade. Sinto despedaçar-me o coração do qual você era senhor absoluto, mas será melhor para os dois.

— Espírito! — disse Scrooge. — Não me mostre mais nada! Por que me tortura assim? Leve-me para casa e deixe-me em paz.

— Só mais uma sombra — respondeu o espírito.

— Não! Por piedade, não!

Mas o **INFATIGÁVEL** espectro agarrou-o e o obrigou a observar outra cena.

Num ambiente confortável, porém sem luxo, ao pé de um bom fogo, estava sentada uma jovem tão parecida com a que acabavam de ver que Scrooge pensou que fosse a mesma. Olhando melhor, descobriu que ela também estava ali, mais

- **LIBRA**: nome da moeda inglesa
- **VÍNCULO**: laço, relacionamento
- **CORTEJAR**: fazer a corte, namorar
- **INFATIGÁVEL**: que não tem descanso

velha, defronte da filha. Outras crianças brincavam na sala junto das duas mulheres, enchendo a sala com risadas e **TRAQUINAGENS**.

Scrooge redobrou a atenção quando viu o dono da casa pegar um dos filhos no colo e sentar-se à lareira ao lado da esposa. Pensou que aquele lindo menino poderia tê-lo chamado de pai. Seria como um raio dourado de sol no inverno de sua vida. A vista de Scrooge se perturbou.

— Belle — disse o marido. — Vi hoje alguém que você conheceu.

— Quem era?

— Adivinhe.

— Como posso adivinhar? O sr. Scrooge, talvez?

— Ele mesmo. Estava no escritório, fazendo contas. Passei na frente e vi a janela aberta. Soube que o sócio dele está à morte e o deixará só no mundo.

Scrooge não agüentou mais e disse com a voz sumida:

— Leve-me daqui, espírito! Não posso suportar o que vejo!

— Já lhe disse que estas sombras são de coisas passadas...

Scrooge notou que a luz que brotava da cabeça do espectro se tornava maior e mais brilhante. Perturbado, tomou o chapéu em forma de capacete e comprimiu-o com toda força sobre a cabeça dele. Mesmo assim não conseguiu extinguir o clarão debaixo do apagador, que iluminava tudo ao redor.

Scrooge sentiu uma grande fadiga, deu mais uma pancada no capacete e mal teve tempo de se meter na cama antes de adormecer profundamente.

TRAQUINAGENS: travessuras

Capítulo 5

O ESPÍRITO DO NATAL PRESENTE

Scrooge despertou de um sono profundo e sentou-se na cama para pôr as idéias em ordem. O relógio ia bater uma hora. Notou que havia acordado no momento exato em que deveria chegar o segundo espírito enviado por Marley.

Julgava-se preparado para tudo, mas não estava preparado para nada. Quando o relógio deu uma hora e nenhum espectro apareceu, foi sacudido por um violento tremor. Cinco minutos, dez, quinze se passaram, e nada! Scrooge continuou na cama, iluminado por um feixe de luz que **INCIDIRA** sobre ele e que o apavorava mais que uma dúzia de fantasmas. Afinal, percebeu que a luz vinha do quarto ao lado. Levantou, calçou os chinelos e dirigiu-se para a porta.

Ao colocar a mão na fechadura, Scrooge ouviu uma voz chamá-lo pelo nome e lhe ordenar que entrasse. Ele obedeceu.

O quarto estava irreconhecível, com as paredes e o teto totalmente forrados de folhagens verdes, semelhantes a um bosque. Folhas de azevinho e hera refletiam de tal forma a luz, que parecia haver ali uma infinidade de espelhos. Uma linda labareda subia pela chaminé. No chão, viam-se perus, patos, galinhas, leitões, pastéis, bolos, castanhas assadas, maçãs, peras e taças de vinho espumante. Ao lado estava sentado um risonho gigante, segurando um archote aceso, como se ele fosse a **CORNUCÓPIA DA ABUNDÂNCIA.**

— Entre e me examine bem, homem! — disse o espírito.

Scrooge entrou timidamente e evitou encará-lo.

— Sou o espírito do Natal presente — disse o espectro. — Olhe para mim!

A criatura vestia um roupão **GUARNECIDO COM ARMINHOS**, meio aberto no peito. Os pés estavam descalços. Na cabeça, em vez de chapéu, usava uma coroa de ramos de azevinho presa por pingentes de gelo. Seus **CARACÓIS** negros caíam livremente, deixando a descoberto a expressão cordial dos olhos. A voz meiga e a mão aberta inspiravam **FRANQUEZA** e liberdade.

— Nunca viu ninguém parecido comigo? — perguntou o espírito.

— Nunca.

— Não conheceu meus irmãos mais velhos?

— Creio que não — disse Scrooge. — Você tem muitos irmãos?

- **INCIDIRA**: caíra, refletira-se
- **CORNUCÓPIA DA ABUNDÂNCIA**: animal mitológico que simboliza a fartura
- **GUARNECIDO COM ARMINHOS**: enfeitado com peles
- **CARACÓIS**: cabelos crespos
- **FRANQUEZA**: sinceridade

— Mais de mil e novecentos...

— Uma família numerosíssima para sustentar... — balbuciou Scrooge.

O espectro do Natal presente se levantou.

— Espírito! — disse Scrooge com **SUBMISSÃO**. — Leve-me aonde quiser. Na noite passada recebi uma grande lição. Ensine-me o que preciso aprender.

— Toque no meu manto!

Scrooge fez o que ele mandava. Heras, folhagens, perus, gansos, patos, galinhas, pastéis, vinho espumante, tudo desapareceu instantaneamente, assim como a lareira, e eles se acharam nas ruas da cidade na manhã do dia de Natal, onde o povo produzia uma espécie de música agradável ao quebrar o gelo que obstruía as portas das casas. A cor escura das fachadas dos prédios contrastava com a alvura da neve que cobria os telhados. Nada havia naquele céu sombrio que pudesse causar alegria. No entanto, todos pareciam felizes e contentes.

Crianças riam jogando bolas de neve umas nas outras. As lojas de aves e frutarias **OSTENTAVAM** esplêndidas riquezas: enormes cestos de castanhas, cebolas douradas e redondas, pirâmides de peras e maçãs, lindos cachos de uvas. E as mercearias, então! Tinham as vitrinas apenas entreabertas, mas o suficiente para ver o que acontecia lá dentro. Não era só o tilintar das balanças pesando mercadorias, nem a rapidez com que os embrulhos eram feitos, nem o delicioso aroma do chá e do café, nem a alvura das amêndoas, nem as frutas secas, polvilhadas de açúcar, que desafiavam o apetite até dos menos gulosos, nem muitas outras coisas enfeitadas para o Natal e boas para comer; não era só isso. Era também a alegria dos fregueses, que se esbarravam na entrada, e se esqueciam das compras para conversar, enquanto os empregados corriam de um lado a outro, atendendo a todos com paciência e satisfação.

Os sinos tocaram, chamando o povo para a igreja. Grupos com as mais belas roupas surgiam nas ruas. Nas vielas e becos, viam-se pobres levando seu **FARNEL** para assar no forno das padarias. Estes pareciam interessar demais o espírito, pois, conforme passavam, ele os **ASPERGIA** com o **INCENSO** do archote.

Extraordinário archote era esse! Scrooge observou que nas raras vezes em que os pobres trocavam palavras ásperas, bastou o espírito lançar algumas gotas de incenso para entenderem que não se devia discutir no dia de Natal.

— Há algum sabor particular nessas gotas? — perguntou Scrooge.

— Há, é o meu sabor.

— Pode-se aplicá-lo em qualquer mesa de jantar no dia de hoje?

— Sim, em qualquer mesa em que reine a cordialidade, mas especialmente na dos pobres.

- **SUBMISSÃO**: obediência, docilidade
- **OSTENTAVAM:** exibiam, mostravam
- **FARNEL**: sacola com alimentos
- **ASPERGIR**: borrifar, respingar
- **INCENSO**: resina aromática extraída de plantas

— Por que na dos pobres?

— Porque são os pobres que mais precisam dele.

Depois os sinos cessaram, as padarias se fecharam, e o espírito carregou Scrooge, sempre agarrado ao seu manto, a uma humilde casinha no subúrbio. Parou na entrada e a aspergiu com o archote, abençoando a morada onde Bob Gratchit, o empregado de Scrooge, vivia com a família.

A esposa de Bob, usando um vestido modesto mas gracioso, arrumava a mesa, ajudada pela filha Belinda. Peter, o rapaz mais velho, metido em roupas do pai, mergulhava o garfo no tacho das batatas, enquanto os dois menores, um garoto e uma menina, corriam dizendo que a padaria cheirava muito bem e que o pato que estava assando só poderia ser o deles.

— E Marta que não chega! — disse a mãe. — E seu pai? E Tim?

Logo Marta, a filha mais velha, chegou do serviço. Em seguida, entrou Bob Gratchit com o pequeno Tim nos ombros, segurando suas muletas e com o aparelho de ferro nas perninhas. Depois de muitos beijos e abraços, puseram Tim sentado junto da lareira. Bob preparou licores e Peter e os irmãos menores foram buscar o pato, voltando com ele em triunfo.

Nunca se vira um pato como aquele! Sentados à mesa, todos elogiaram a brancura da carne e o tamanho do assado, saboreando-o com enorme prazer. As exclamações de alegria redobraram quando a mãe tirou do forno o bolo de Natal. Depois da refeição, limparam tudo e sentaram-se ao pé do fogo para assar castanhas e provar um gole de licor. O pai fez um brinde.

— Que Deus nos abençoe a todos! Feliz Natal! — disse Bob Gratchit.

— Que Deus proteja cada um de nós! — pediu o pequeno Tim.

— Espírito! — disse Scrooge, com um interesse que nunca sentira antes. — Tim viverá muito tempo?

— Vejo uma muleta sem dono e um lugar vago na lareira — respondeu o espírito. — Se o futuro não mudar essas sombras, é certa a morte do menino.

— Não, não! — suplicou Scrooge. — Diga que o garoto será poupado!

— É melhor que ele morra, assim se diminui o excesso de população.

Ao ouvir o espírito repetir suas próprias palavras, Scrooge sentiu que o remorso o abatia. Curvou a cabeça, tremendo, enquanto Bob brindava:

— À saúde do sr. Scrooge!

— Mas, querido, não se pode propor um brinde a uma pessoa tão odiosa, cruel e dura como o sr. Scrooge! — reclamou a esposa.

— Querida — recriminou-a brandamente o marido. — Hoje é dia de Natal!

— É verdade, querido. Que Deus dê a ele um ano cheio de alegrias!

Capítulo 6

FESTA NA CASA DE FRED

Scrooge e o espírito continuaram a andar pela cidade. Ia escurecendo e começava a nevar. Eles admiravam o esplêndido brilho do fogo nas cozinhas, nas salas, em toda parte. Aqui, através da janela, viam-se os preparativos para um jantar. Ali, um grupo de crianças saía correndo de casa para receber os tios e primos. Adiante, ouviam-se as conversas calorosas das famílias reunidas.

De repente, sem aviso algum, Scrooge e o espírito acharam-se num **CHARCO** deserto, entre enormes **PENEDOS** que pareciam sepulturas de gigantes. A vegetação era **PAUPÉRRIMA** e a água estendia-se por tudo.

— Que lugar é este? — perguntou Scrooge.

— É onde vivem os **MINEIROS** que trabalham nas entranhas da terra — explicou o espírito. — Mas nem por isso deixam de me festejar.

Na janela de uma cabana brilhava uma luz. Passaram através da parede, feita de pedra e lama, e depararam com uma cena encantadora: um casal de velhos rodeado pelos filhos, netos e bisnetos, junto de um belo fogo, todos com suas melhores roupas, comemorando o Natal.

O espírito não se demorou ali. Ordenou a Scrooge que se agarrasse bem à sua túnica e se dirigiu para o mar. Era indescritível o horror de Scrooge ao ver distanciar-se a linha dos rochedos e ouvir o ruído das ondas. Distante da costa, destacava-se um **FAROL** solitário. Mesmo nesse lugar isolado, os dois guardas do farol improvisaram uma lareira e ergueram os copos num brinde.

O fantasma caminhou muito sobre as águas e pousou com seu convidado num navio. O marinheiro do leme, os oficiais da guarda, todos os homens da tripulação pareciam espectros sombrios nos seus postos. Uns cantavam em voz baixa canções de Natal, outros recordavam natais passados e seus **REMOTOS** lares. Não havia ali ninguém que nesse dia não tivesse palavras de carinho para com os companheiros e não se lembrasse da família ausente, com a certeza de também ser lembrado por ela.

Scrooge ouvia o rugir do vento e refletia sobre tudo aquilo, quando o fio de seus pensamentos foi cortado por uma estrondosa gargalhada. Surpreso, viu-se

- **CHARCO**: brejo, pântano
- **PENEDOS**: rochedos, penhascos
- **PAUPÉRRIMA**: superlativo de pobre, extremamente pobre
- **MINEIROS**: trabalhadores que extraem carvão e outros minérios do subsolo
- **FAROL**: construção junto ao mar, com um foco luminoso para orientar os navegadores
- **REMOTOS**: longínquos, distantes

numa sala confortável e iluminada. Maior surpresa teve ao reconhecer que o rapaz que dava aquelas gostosas risadas era o filho de sua irmã.

— É a casa de Fred, meu sobrinho! — exclamou.

Jamais conheci ninguém que risse melhor do que esse rapaz, e se você tiver notícia de alguém assim, leitor, apresente-me, porque quero cultivar sua amizade. Tal como a dor e as lágrimas, o riso e o bom humor são **CONTAGIOSOS**. Quando o sobrinho de Scrooge ria, todos ao redor faziam o mesmo.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Meu tio disse que o Natal é uma tolice, garanto!

— Que vergonha pensar assim! — exclamou a esposa de Fred, uma jovem muito bonita e simpática, com uma covinha em cada face.

— É um tipo estranho — disse Fred. — Podia tentar ser mais agradável, é verdade, mas quem sofre com seu mau humor é ele mesmo.

— Dizem que é muito rico. É verdade? — perguntou um dos convidados.

— Sim, porém a riqueza não lhe serve para nada. Vive sem conforto e não faz bem a ninguém. Ah! Ah! Ah!

— Não tenho paciência para aturá-lo! — disse a esposa de Fred.

— Eu tenho — replicou o marido. — Sinto pena dele. Não aceitou vir jantar conosco e perdeu todas estas delícias, não é verdade?

Os amigos, que haviam acabado de comer e agora conversavam à volta do fogo, concordaram. Fred deu outra gargalhada e continuou:

— Pena tio Scrooge não estar aqui, pois este alegre **CONVÍVIO** lhe faria bem. Todos os anos, quer ele se zangue ou não, vou convidá-lo porque tenho dó dele. Pode **ZOMBAR** do Natal até morrer, mas eu o procurarei sempre com a mesma alegria e lhe direi: "Como está, tio Scrooge? Venha jantar conosco".

Depois do chá houve música e jogos. A mulher de Fred tocou uma **ÁRIA** que fez Scrooge recordar de sua falecida irmã. Quando ouviu os compassos da música, ele se emocionou pensando que, se a tivesse escutado mais vezes no decorrer dos anos, teria sido mais feliz. Entusiasmou-se também com os jogos de adivinhação, dos quais participavam umas vinte pessoas. Scrooge era bom nessas brincadeiras. Chegou a esquecer que não podiam ouvi-lo e gritava seus palpites aos jogadores, alegre como uma criança.

O espectro estava tão feliz ao vê-lo que olhava para ele com carinho, como se Scrooge fosse um menino. Porém, tinha chegado a hora de partir.

— Ah, só mais um pouquinho, espírito! Deixe-me ver outro jogo!

O espírito não atendeu ao pedido, e Scrooge viu-se novamente andando ao lado dele por muitos lugares. Visitaram hospitais, asilos, prisões. Viajaram a terras longínquas, onde viram os habitantes reunidos. Entraram em casas de pobres e

- **CONTAGIOSOS**: que se transmitem por contato
- **CONVÍVIO**: convivência
- **ZOMBAR**: debochar, caçoar
- **ÁRIA**: peça musical para uma só voz

Scrooge julgou-os ricos. Em todos os refúgios miseráveis onde a **SOBERBA** humana não impediu sua entrada, o espírito deixou bênçãos.

Scrooge estava achando a noite demasiado longa. Observou ainda que, enquanto ele permanecia com a mesma aparência, o espectro ia envelhecendo.

— Minha vida neste mundo é muito breve. Termina esta noite — disse o espírito do Natal presente.

— Esta noite?

— Sim, à meia-noite.

— Desculpe-me a pergunta — disse Scrooge. — Vejo algo debaixo do seu manto e não consigo descobrir se são pés ou garras.

— Aqui estão! — mostrou o espírito, tirando das dobras do manto duas crianças **HEDIONDAS**, **ESQUÁLIDAS**, enrugadas, esfomeadas, de mau semblante.

Scrooge recuou aterrado e, suspeitando que fossem parentes do espírito, não teve coragem de expressar seu horror. Perguntou apenas:

— São seus filhos?

— São filhos do Homem. O garoto chama-se Ignorância, e a menina, Miséria. Você deve temê-los, pois em suas testas está escrito: "condenação".

O sino da igreja bateu meia-noite. Scrooge procurou o espírito, mas ele havia desaparecido. Quando soou a última badalada, lembrou-se da predição de Marley. Ergueu os olhos e deparou com um outro espectro, que caminhava para ele envolto em vapor.

- **SOBERBA:** orgulho exagerado, presunção
- **HEDIONDAS**: asquerosas, repulsivas
- **ESQUÁLIDAS**: lívidas, pálidas

Capítulo 7

O ESPÍRITO DO NATAL FUTURO

O fantasma aproximou-se silenciosamente. O ar que ele atravessava ia deixando a escuridão mais **LÚGUBRE**. Sem saber por que, Scrooge ajoelhou.

O espírito estava envolvido num manto negro, que lhe ocultava a cabeça, as faces e o corpo, deixando ver apenas um braço estendido. Era alto e não falava nem se movia, enchendo Scrooge de misterioso terror.

— Estou na presença do espírito do Natal futuro? — perguntou.

O espectro não respondeu. Apenas apontou-lhe o caminho com o dedo.

— Vem me mostrar coisas que ainda não aconteceram mas que hão de se dar no tempo que virá, não é verdade, espírito? — Scrooge continuou.

A parte superior da túnica se contraiu. Essa foi sua resposta.

Embora já estivesse habituado a fantasmas, Scrooge sentia tanto pavor do silêncio deste que as pernas tremiam e ele não era capaz de caminhar. O espírito percebeu e lhe deu tempo para recuperar as forças.

— Espectro do futuro! — exclamou. — Temo-o mais que aos outros que vieram, mas, como sei que seu propósito é fazer-me bem, e como espero me tornar um homem diferente, estou pronto para viajar em sua companhia com a maior satisfação. Não me responde?

Como única resposta, a mão continuou apontando firmemente.

— Vamos, então! A noite não espera e o tempo é precioso para mim!

Scrooge seguiu a sombra. Não sabia dizer se caminhavam para a cidade ou se, ao contrário, era a cidade que vinha se expor à sua observação. Notou que estavam na Bolsa de Valores, entre negociantes que andavam de um lado a outro apressadamente, fazendo tilintar o dinheiro no bolso, conversando em grupos e balançando as correntes de ouro, como Scrooge os vira tantas vezes.

O espírito parou junto de um grupo e apontou. Scrooge ouviu-os dizer:

— Não sei de nada. Sei apenas que morreu — falou um homem gordo.

— Quando? — perguntou outro.

— A noite passada.

— Morreu! — disse um terceiro. — Pensei que esse homem fosse eterno!

— Que fez ele do dinheiro? — perguntou outro, de nariz grande.

— Não sei. Com certeza não o deixou para mim! — respondeu o gordo.

A **PILHÉRIA** foi acolhida com uma gargalhada geral.

- **LÚGUBRE**: tétrico, soturno
- **PILHÉRIA**: piada, gozação, caçoada

— O funeral não há de ser caro — tornou o mesmo. — E se fôssemos lá a passeio, mesmo sem convite?

— Eu só iria se houvesse um bom almoço. Sem almoço, não vou.

Outra gargalhada seguiu-se à nova brincadeira. O grupo dispersou-se e Scrooge, que conhecia todos os presentes, olhou para o espírito como a pedir uma explicação. O fantasma dirigiu-se para outra rua e apontou dois homens que conversavam. Scrooge julgou que fosse ter a explicação que queria.

— Como vai? — dizia um deles.

— Bem, obrigado. Então o velho morcego liquidou a conta para sempre?

— É o que dizem. Que frio, não é?

— Sempre faz frio no tempo de Natal.

Scrooge admirou-se de que o espírito desse atenção a conversas **TRIVIAIS** como aquela, mas, refletindo melhor, achou que devia existir uma razão oculta para isso. Qual seria? Não era provável que os homens se referissem à morte de Jacob Marley, seu sócio, pois isso fazia parte do passado, e o espírito só se ocupava de coisas futuras. Também lhe pareceu não haver relação entre o que ouvira e sua própria pessoa. Mas, convencido de que receberia alguma lição para seu aproveitamento, pôs-se a observar as cenas com cuidado.

Procurou a imagem de si mesmo na Bolsa de Valores, mas viu outro homem no lugar que habitualmente ocupava. Não se admirou muito, pois, como fantasiava levar uma nova vida no futuro, talvez sua ausência fosse resultado desse projeto. Impassível e negro, o espectro mantinha-se a seu lado, apontando. Parecia que seus olhos invisíveis fitavam Scrooge. Ele estremeceu.

Deixaram aquele cenário e foram a uma parte da cidade onde Scrooge nunca havia estado. As ruas eram estreitas e sujas; as casas e lojas, miseráveis; as pessoas, maltrapilhas. Becos e travessas pareciam **CLOACAS**, exalando terrível mau cheiro. Pararam na frente de uma loja de artigos usados. Entre trapos, garrafas, peças de ferro velho, ossos e sebo de animais, havia um velho de uns setenta anos, cabelos grisalhos, mal encarado, que se abrigava do frio atrás de uma cortina esfarrapada e tirava baforadas do seu cachimbo.

Scrooge e o espírito chegaram ali no momento em que duas mulheres se aproximavam, carregando cada qual uma trouxa. Um homem vestido de preto, com um pacote na mão, chegou em seguida. Os três ficaram surpresos por se encontrarem no mesmo lugar e desataram a rir com a coincidência.

— A primeira a ser atendida serei eu, a jornaleira — disse uma mulher. — Em

TRIVIAIS: comuns, corriqueiras

CLOACAS: condutos de esgoto, latrinas

seguida, a lavadeira; e o agente funerário, por último. Venha aqui, velho Joe, venha ver a **PECHINCHA** que eu lhe trouxe!

O dono do estabelecimento fez os três entrarem numa sala imunda. A jornaleira jogou sua trouxa no chão e lançou aos outros um olhar desconfiado.

— Por que esse espanto, sra. Dilbert? — disse à outra, com maus modos. — Temos o direito de cuidar do que é nosso! Não foi o que "ele" fez em vida?

— É verdade — concordou a lavadeira. — Sei disso melhor que ninguém.

— Decerto — completou o homem de roupa preta.

— Quem sentiria falta destas tralhas? Não o morto, certamente — tornou a jornaleira. — Se tivesse sido mais generoso, teria quem lhe fechasse os olhos em vez de se debater só, até o último suspiro. Vamos, Joe, abra a trouxa e diga quanto me pagará por estas bugigangas...

Mas o homem de roupa preta passou na frente das duas e exibiu sua **PILHAGEM**, que não era grande: carimbos, lapiseiras, abotoaduras e um alfinete de pouco valor. Joe avaliou cada peça e somou os valores na parede, com giz.

— Aqui está sua conta. A outro eu não daria tanto. Quem é o seguinte?

A jornaleira trouxera toalhas, lençóis, roupas e talheres de prata antigos.

— Dou sempre muito às mulheres. É uma fraqueza minha — **GABOU-SE** o velho Joe. — Vamos, pegue logo o dinheiro antes que eu mude de idéia.

Chegou a vez da lavadeira, a sra. Dilbert. Joe desatou a trouxa.

— Que é isto? Cortinas de cama?

— Sim — respondeu ela, rindo.

— E você as tirou com argolas e tudo, estando ele lá dentro?

— Decerto. Por que não? Quando posso pegar alguma coisa, não penso duas vezes. Cuidado, Joe, não vá derramar azeite nos cobertores.

— Os cobertores dele?

— Com certeza ele não sente mais frio — disse a sra. Dilbert.

— Não teria morrido de alguma doença contagiosa? — riu o velho Joe.

— Sei lá! Que me importa! Veja esta camisa, a melhor que ele tinha. Por sorte cheguei primeiro e impedi que a vestissem no defunto.

Scrooge ouvia, horrorizado. Iluminados pela fraca luz do candeeiro, os quatro inspiravam-lhe repugnância, como se estivessem **VIOLANDO** um cadáver.

— Teve um fim merecido — completou a sra. Dilbert. — Metia tanto medo nas pessoas e agora, depois de morto, nos dá lucro! Ah! Ah! Ah!

- **PECHINCHA**: artigo barato, ótimo negócio
- **PILHAGEM**: fruto de saque, de furto
- **GABOU-SE**: vangloriou-se
- **VIOLANDO**: profanando, violentando

— Espírito! — Scrooge tremia convulsivamente. — Agora compreendo. O caso desse infeliz poderia ser o meu. Corro o risco de acabar do mesmo jeito...

Nessa hora a cena mudou e Scrooge recuou, espavorido. Estavam diante de um leito nu, sem cortinas, no qual se divisava o corpo inerte e abandonado de um homem, sem ninguém que o chorasse. O espectro apontava a cabeça do morto, mas Scrooge não ousou olhar para ela.

— Espírito, que lugar horrível este! Leve-me daqui!

O fantasma, imperturbável, continuava apontando o cadáver.

— Não posso olhá-lo! Não posso! — gritou Scrooge. Depois, com enorme comoção, completou: — Se existe alguma pessoa que tenha sentido esta morte, por favor, mostre-a, espírito!

Capítulo 8

QUEM É O MORTO?

O espectro estendeu sua ampla túnica como se fosse uma asa, e os dois foram transportados a uma casa onde estava uma mulher rodeada pelos filhos. Seus passos apressados, o modo como olhava toda hora a janela e o relógio, a dificuldade para concentrar-se na costura, tudo indicava que esperava alguém com ansiedade. Afinal, bateram na porta e ela correu ao encontro do marido, em cuja fisionomia **ABATIDA** se notava uma expressão de contentamento que ele, envergonhado, em vão tentava disfarçar.

— Traz boas ou más notícias? — perguntou a mulher.

— Más! — respondeu ele.

— Estamos completamente **ARRUINADOS**?

— Não. Ainda há esperança, Caroline.

— Quer dizer que ele vai **ABRANDAR**? Seria um verdadeiro milagre!

— Não terá que abrandar, pois já morreu — disse o marido.

A moça parecia uma boa criatura. Mas, ao ouvir a notícia, sentiu uma alegria tal que não pôde ocultar. Pediu perdão a Deus pelos seus sentimentos.

— Quando o procurei para pedir a **PRORROGAÇÃO** da dívida, a mulher que atendeu a porta disse que ele estava doente — explicou o marido. — Julguei que fosse desculpa para não me receber, mas era verdade. Ele estava **MORIBUNDO**.

— E agora? Para quem será transferida a nossa dívida?

— Não sei, mas espero que o novo **CREDOR** seja mais humano do que ele. Podemos dormir sossegados esta noite, Caroline.

Scrooge percebeu que aqueles corações se sentiam aliviados de um peso esmagador. A morte de um homem restituíra a alegria a uma família.

— Gostaria de ver um lugar onde reinasse a saudade causada pela morte, espírito! — pediu. — Aliás, aquele horrível leito não me sai da cabeça...

O espectro conduziu-o por ruas que lhe pareciam familiares. Entraram na casa do pobre Bob Gratchit, onde Scrooge já tinha estado com o espírito do Natal presente, e viram a dona da casa rodeada pelos filhos, junto da **ESTUFA**.

- **ABATIDA:** triste, deprimida, debilitada
- **ARRUINADOS**: sem dinheiro, falidos
- **ABRANDAR**: comover-se, enternecer-se
- **PRORROGAÇÃO**: alongamento do prazo
- **MORIBUNDO**: à morte, agonizante
- **CREDOR:** indivíduo a quem se deve dinheiro
- **ESTUFA**: fogão para aquecer o ambiente

A mãe e as filhas pareciam absortas no trabalho de costura. As crianças não brincavam como de costume. Peter lia um livro em voz alta.

— A luz do candeeiro me faz chorar, e não quero ter lágrimas nos olhos quando seu pai chegar — disse a mãe, pondo o trabalho de lado.

— Já passa da hora. Ele tem andando devagar ultimamente — disse Peter.

— Quando carregava nosso pobre Tim às costas, andava depressa.

— É verdade, nem sentia o peso dele — concordaram os irmãos.

— Era tão levinho! — prosseguiu a mãe. — E seu pai gostava tanto dele que não lhe custava nada carregá-lo... Ouçam, ele está batendo à porta...

Bob Gratchit entrou com o velho cachecol enrolado no pescoço e todos correram para oferecer-lhe chá. Os dois filhos menores pularam no seu colo e encostaram os rostinhos no dele, consolando-o: "Não fique triste, papai!"

Bob esforçou-se para se mostrar contente. Elogiou a rapidez com que a costura da mulher e das filhas avançava. A esposa, por fim, perguntou:

— Você foi lá hoje, não foi?

— Fui. Pena não ter levado você. Iria gostar de um lugar tão verde. Mas haveremos de ir outras vezes. Nosso pobre filhinho!

Ao falar do filho, Bob não pôde conter a dor. Os soluços embargaram-lhe a voz e ele subiu as escadas, permanecendo uns minutos no quarto até se recompor. Voltou mais calmo e a conversa à volta do fogo continuou.

— O sobrinho de Scrooge foi muito bondoso conosco — contou. — Eu o encontrei na rua. Ele me deu seu cartão, dizendo: "Sinto muito, e se puder lhes prestar algum favor, terei nisso muito gosto". Parecia até que tinha conhecido nosso querido Tim e que sua morte lhe causara verdadeira mágoa.

— Deve ser uma boa alma! — disse a esposa.

— Com certeza. Quem sabe ainda arruma um emprego para nosso Peter.

— Ouviu isso, Peter? — tornou a mãe.

— Aí Peter se casa e nos deixa... — queixou-se uma das irmãs.

— Decerto que isso acontecerá um dia, meus filhos — disse Bob Gratchit. — Mas, onde quer que estejamos, unidos ou separados, nenhum de nós jamais esquecerá nosso querido Tim, não é verdade?

— Nunca, papai. Nunca nos esqueceremos dele — gritaram todos.

— Espectro! — disse Scrooge. — Diga-me: quem era o homem que vimos em seu leito de morte?

O espírito do Natal futuro levou-o à parte da cidade onde imperava a febre dos negócios, e Scrooge, como da primeira vez, não viu a si mesmo. Seu guia passou depressa pelo bairro onde ele morava, mas não parou.

— Espírito, naquela rua morei muito tempo. Lá está a casa. Quero ver o que serei no futuro. Por favor, pare um instante!

O dedo apontava outra direção.

— A casa é aquela, espírito. Por que me mostra outro caminho?

Scrooge espiou pela janela e viu que o local era ainda um escritório, mas não o seu. A mobília era outra, e havia outra pessoa sentada à mesa. O espectro,

imperturbável, continuava a apontar a mesma direção. Scrooge foi obrigado a segui-lo e vaguearam muito tempo, chegando a uma porta de ferro.

Era um cemitério. Ali devia **JAZER**, sem dúvida, o homem cujo nome ele enfim ia saber. O espírito parou entre os **JAZIGOS** e apontou um deles.

— Antes de eu me aproximar, responda-me, espírito! — Scrooge tremia, cheio de terror. — Essas sombras pertencem a coisas que irão forçosamente acontecer ou que apenas *poderão* acontecer?

O espírito continuou a apontar.

— Já sei. As ações dos homens podem fazer prever certos fins. Mas, se eles se corrigirem a tempo, os fins também mudarão. É o que devo entender?

O espectro conservou-se impassível.

Scrooge, tremendo muito, seguiu a direção que a mão indicava e leu na pedra de um túmulo abandonado o seu próprio nome: "Ebenezer Scrooge".

— Então sou eu o homem que vi morto, abandonado no leito? — Scrooge caiu de joelhos, chorando. — Não, espírito! Não! Não!

O espectro não se moveu.

— Espírito! — gritou, agarrando-se à sua túnica. — Ouça-me! Não sou o homem que fui! Serei outro daqui em diante! Por que me mostra essas coisas, se para mim não há esperança?

Pela primeira vez o dedo pareceu **VACILAR**.

— Bondoso espírito! — continuou Scrooge. — Interceda por mim, tenha compaixão! Diga-me que posso mudar meu destino e levar uma vida nova! Hei de honrar o Natal no meu coração todos os anos! Hei de guardar os espíritos do Natal presente, do passado e do futuro e seguir suas lições! Diga-me que posso apagar a inscrição daquela pedra!

Na sua dor, Scrooge agarrou com força a mão do espectro, que o **REPELIU**. Ao tentar novamente pegá-la, Scrooge viu com surpresa o fantasma diminuir de tamanho, encolher-se e transformar-se numa das colunas da cama.

- **JAZER**: estar enterrado
- **JAZIGOS**: túmulos
- **VACILAR**: hesitar
- **REPELIU:** recusar, rejeitar

Capítulo 9

A LIÇÃO DOS ESPÍRITOS

Sim, a coluna da cama! Scrooge estava na *sua* cama, no *seu* quarto! Ah, incrível **VENTURA**! Era também seu o futuro; o tempo que tinha pela frente seria empregado para corrigir os erros do passado!

— Hei de manter no meu coração os espíritos do Natal presente, passado e futuro! Todos os três! Ah, Jacob Marley, como lhe agradeço!

Estava tão agitado e radiante que a voz saía fraquinha. A cena violenta que tivera com o último espírito fizera-o chorar, e as lágrimas escorriam-lhe.

— As cortinas não foram arrancadas, nem as argolas! — gritou Scrooge, tocando o grosso tecido do cortinado do leito. — Ainda estão aqui, eu também estou aqui, e as sombras das coisas que poderiam ter acontecido hão de se desfazer, tenho certeza!

Enquanto fazia essas reflexões, Scrooge ria às gargalhadas.

— Sinto-me leve como uma pena, feliz como um anjo, alegre como um colegial! Estou tonto como um **ÉBRIO**! Boas-Festas! Feliz Ano-Novo a todos!

Do quarto passou à sala, onde se sentou, **ARQUEJANTE**. Ali estava a porta por onde entrara o espectro de Jacob Marley. Ali estava o lugar onde o espírito do Natal presente havia se sentado. Era tudo verdade!

— Não sei que dia é hoje! — Scrooge ria sem parar. — Não sei quanto tempo estive com os espíritos! Não sei nada, sou uma perfeita criança! Quero ver gente! Venham todos, venham!

Ouviu-se um vigoroso bater de sinos. Scrooge correu à janela, abriu-a e pôs a cabeça para fora. O nevoeiro se **DISSIPARA** e a atmosfera estava clara, brilhante. Scrooge achou o sol esplêndido, e o som dos sinos, maravilhoso.

— Que dia é hoje? — gritou a um rapazinho que passava.

— Hein? — estranhou o garoto.

— Que dia é hoje, meu bom amigo?

— Hoje?! Hoje é dia de Natal...

— É dia de Natal, bem que eu desconfiava! Os espíritos fizeram tudo numa única noite! Para os espíritos tudo é possível! Ei, rapaz! — chamou Scrooge. — Pode me fazer um favor? Conhece a loja de aves, ali na esquina? Será que já venderam o belo peru que lá estava? Não o pequeno. O grande.

- **VENTURA:** sorte, fortuna, felicidade
- **ÉBRIO**: bêbado
- **ARQUEJANTE**: ofegante
- **DISSIPARA**: dissolvera, dispersara

— Um quase do meu tamanho? Ainda está lá — respondeu o rapaz.

— Pois vá comprá-lo e volte correndo, quero lhe dar uns trocados. Traga junto o empregado da loja, pois o peru terá de se entregue num certo lugar...

O rapaz saiu em disparada, enquanto ele se divertia:

— Vou mandá-lo para a casa de Bob Gratchit! — Scrooge esfregava as mãos, contente. — Ele não saberá quem o enviou. Ah, como isso me diverte!

Logo o peru chegou, enorme. Duas vezes o tamanho do pequeno Tim!

— Quem poderá carregá-lo até o subúrbio? Melhor alugar um carro!

A satisfação com que Scrooge disse isso, o prazer com que pagou o peru, o sorriso com que deu dinheiro para o carro e recompensou o rapaz só foram excedidos pela satisfação com que se sentou numa cadeira, ofegante, até lhe saltarem dos olhos lágrimas de alegria.

Em seguida, Scrooge barbeou-se com as mãos trêmulas de emoção, vestiu-se com sua melhor roupa e saiu. Havia muita gente nas ruas, tal como quando ele as percorrera com o espírito do Natal presente. Olhava para todos com ar tão alegre, que lhe diziam: "Bom-dia, senhor! Boas-Festas!"

Não tinha andado muito quando viu o cavalheiro distinto que lhe pedira donativos para os pobres. Envergonhado, Scrooge foi ao seu encontro.

— Meu caro senhor, como passou? Como foi a coleta de ontem? Que bondade sua pedir pelos necessitados! Muito boas-festas!

— É o sr. Scrooge?

— Sim, e meu nome não deve lhe soar bem. Espero que me perdoe e...

Scrooge inclinou-se e completou o resto da frase no ouvido dele.

— Que diz? Tudo isso? Está falando sério? — admirou-se o outro.

— Muito sério. Nessa soma estão incluídas inúmeras contas passadas.

— Meu caro senhor, não sei como agradecer tanta generosidade...

— Eu é que agradeço! Muitíssimo obrigado! — cumprimentou-o Scrooge.

Dali dirigiu-se para a igreja, olhando o povo que passava, **AFAGANDO** as criancinhas, falando com os mendigos, **ESPREITANDO** para dentro das cozinhas, achando lindo tudo o que via. À tardinha, bateu à porta da casa do sobrinho.

Fred e a esposa estavam na sala de jantar. A empregada conduziu-o até eles, que o contemplaram com indescritível espanto.

— Meu Deus! Que vejo! — exclamou o sobrinho.

— Sou eu, seu tio Scrooge. Venho jantar. Dá licença, Fred?

Em cinco minutos, estava perfeitamente à vontade entre os convidados. No início, estes estranharam vê-lo, mas logo o aceitaram no grupo. E os donos da casa o trataram com tanta delicadeza que a reunião pareceu-lhe esplêndida.

No dia seguinte cedo, Scrooge fez questão de chegar ao escritório antes que seu empregado. Bob Gratchit apresentou-se alguns minutos depois.

- **AFAGANDO**: agradando, acariciando
- **ESPREITANDO**: observando, espiando

— Isso são horas de chegar? — indagou Scrooge, esforçando-se para falar no tom áspero de antigamente.

— Não se repetirá, patrão, prometo — desculpou-se o pobre homem. — O Natal é só uma vez por ano, tivemos uma festa em casa, deitamos tarde e...

— Ouça o que tenho a lhe dizer — Scrooge saltou da poltrona e avançou para o empregado, que recuou, **ESPAVORIDO**. — Boas-Festas, Bob! Melhores festas do que as que eu tenho lhe dado até hoje! — A frase soava tão sincera, que o empregado arregalou os olhos. — Vou aumentar seu salário e socorrer sua família. Hoje mesmo, à tarde, falaremos sobre isso diante de um bom copo de vinho quente. Agora acenda as duas estufas e vá comprar carvão para nós.

Scrooge fez tudo o que prometeu e infinitamente mais. Para o pequeno Tim, que não morreu, foi como um segundo pai. Tornou-se tão bom amigo, tão bom patrão, tão bom homem como os melhores que existiram no mundo. Muitos riam da sua transformação, mas ele não se importava. Seu coração lhe sorria e isso lhe bastava.

Scrooge não voltou a encontrar os espíritos, embora tenha se tornado o homem que melhor sabia festejar o Natal. Oxalá isso aconteça com todos nós! E, como dizia o pequeno Tim, que Deus nos abençoe a todos!

ESPAVORIDO: apavorado, com medo

FICHA DE LEITURA

1) O narrador da história diz que a morte de Marley é fundamental para que a gente possa entendê-la. Por quê? Você concorda com ele?

2) Você conhece a peça do escritor inglês William Shakespeare a que o narrador se refere, *Hamlet*? Se não, pesquise sobre ela e converse a respeito com seus colegas. A comparação do autor faz sentido para você?

3) Até que ponto chegava a avareza de Scrooge? Você conhece alguém que se pareça com ele? O que pensa das pessoas que agem assim?

4) O fantasma de Marley aparece para Scrooge usando correntes. Que correntes eram essas e por que ele decidiu visitar o ex-sócio naquela noite?

5) O espírito do Natal passado mostra a Scrooge cenas da infância pobre que ele teve. O que pretendia o espectro fazendo-o relembrá-las?

6) Em que momento Scrooge percebe pela primeira vez as intenções do espírito do Natal passado e se emociona? Que mudanças você notou nele?

7) Quando recebe a visita do espírito do Natal presente, Scrooge entende melhor seu "recado". O que o segundo espírito deseja ensinar para ele?

8) Quando chega o terceiro espírito, Scrooge já estava arrependido do tipo de vida que levava. Quais as cenas da história que comprovam isso?

9) O espírito do Natal futuro apavora Scrooge mais do que os anteriores. Por quê? Como é o comportamento dele?

10) Que impressão causa em Scrooge a visão de um morto no leito? Por que ele deseja tanto descobrir a identidade do cadáver? Do que ele tem medo?

11) Qual a reação de Scrooge quando acorda em sua cama na manhã do dia de Natal? Por que ele se sente tão feliz?

12) Que mudanças se operam no personagem? Como Scrooge passa a agir depois dos encontros daquela noite?

13) Você acha que a visita dos espíritos foi um sonho ou as aparições realmente aconteceram? Aponte trechos que comprovam sua opinião.

14) Para o autor, Charles Dickens, o valor do dinheiro depende do uso que se faz dele. Na sua opinião, o que significa fazer bom uso do dinheiro?

15) Reúna-se com seus colegas e pesquise: o que o Natal simboliza para os povos do mundo todo? Depois, contem uns aos outros como se comemora o Natal na família de cada um. O que essa festa representa para vocês?

Conto de Natal

Charles Dickens

BIOGRAFIA DO AUTOR

Estudiosos de literatura consideram Charles Dickens o maior escritor inglês do século XIX. Alguns chegam a apontá-lo como o romancista mais importante que a Inglaterra teve em todos os tempos.

Nascido em Landport, em 7 de fevereiro de 1812, foi um menino pobre, que cedo observou as injustiças sociais, tema principal de suas obras. O pai de Dickens era um modesto empregado da Marinha, que se arruinou com dívidas, foi preso várias vezes e mudava com a família de um lugar para outro.

Apaixonado por livros desde a infância, Dickens não chegou a concluir o curso superior. Estagiou num escritório de advocacia e, em 1831, ingressou na imprensa como jornalista, onde assinava artigos com o pseudônimo de "Boz". Em 1838, casou-se com a filha do redator-chefe do jornal inglês *The Evening Chronicle*, Catherine Hogarth.

Charles Dickens também gostava muito de teatro e costumava fazer sessões públicas de declamação.

Suas principais obras são: *Memórias de Pickwick*, *Oliver Twist*, *David Copperfield* e este *Conto de Natal*. O Natal, aliás, sempre mereceu de Dickens grande carinho, quase veneração. Nessa época do ano, o escritor costumava publicar textos como presentes às crianças pobres do mundo todo.

Seus livros são fortemente autobiográficos, isto é, marcados pelos fatos que aconteceram na sua infância e juventude. Sofrendo na própria carne o que seus personagens viveram, o escritor toca o coração dos leitores até hoje.

Dickens faleceu em 1870, em Gadshill, Inglaterra. Diz um historiador que "desapareceu alguém insubstituível na vida inglesa, uma luz que brilhava acima do comercialismo, atraindo os homens para a alegria e o amor".